



Sarah Jäger

Nach vorn, nach Süden

Em frente, rumo ao sul

Rowohlt Verlag, Reinbek bei Hamburg 2020
ISBN 978-3-49900-239-7

Excerto traduzido por Paulo Rêgo

Páginas 9-26

O PÁTIO DAS TRASEIRAS do Penny-Markt é mais do que um mero pátio traseiro.

Mais do que um quadrado cinzento, coberto de betão, e paredes de tijolo com dois metros de altura. Mais do que paletes de madeira, empilhadas junto à parede, do que caixotes de lixo e contentores para alimentos fora de prazo. Mais do que as cadeiras de metal que Otto trouxe, para que não tivessem todos de sentar-se nas paletes de madeira. Mais do que o grelhador que Marvin roubou de uma das hortinhas ali próximas.

Tão mais do que isso.

Por vezes penso que alguns de nós só trabalham no Penny de modo a terem desculpa para andarem por ali no pátio das traseiras. Quem ali trabalha como ajudante temporário esconde-se oito ou doze horas por semana algures entre as estantes dos doces e a máquina de devolução do vasilhame de vidro, mas para a maioria de nós arrastar-se pelo pátio das traseiras é ocupação a tempo inteiro. Coisa que não agradava a Wendthoff, o gerente daquela filial. Vermelho de tão irritado, punha-se sempre junto à porta que dá acesso ao armazém e levava respostas que merecia:

— O meu turno começa daqui a meia hora... O quê? Não estou na escala para hoje?

— Estou só à espera da Marie. Daqui a dez minutos ela está despachada... O quê? Só daqui a duas horas? Então ela pregou-me uma peta...

— Eu? Mas eu trabalho aqui! Não me conhece? O Can disse que eu podia... «Ele aqui não manda...»? Vá, não me diga que...

A dada altura, Wendthoff terá deixado de ter pachorra para passar o tempo até à reforma ali encostado à porta do armazém, sempre vermelho de tão irritado, e optou por pedir transferência para uma filial mais a sul.

— Atenção que o gajo ainda se há-de arrastar, a largar a sua gosma, até chegar ao Rewe... — limitou-se Can a comentar.

O novo Wendthoff foi mais esperto na sua abordagem. O novo Wendthoff na verdade chama-se Müller, mas aqui ninguém quer saber disso. O nome é coisa que ninguém escolhe, é-lhe atribuído; logo de início, quando nasce, e depois aqui, no pátio das traseiras. Para o novo Wendthoff, o quadrado

cinzento e coberto de betão não é mais do que um quadrado cinzento e coberto de betão, por isso ele entregou-nos esse espaço sem dar luta, «mas livrem-se, sim, vocês livrem-se de alguma vez aqui haver chatices, nada de pancadaria, nada de delírios alcoólicos, nada de traficâncias e nada de beatas no contentor». Em compensação pôs uma televisão na sala de convívio para os que lá trabalham a tempo inteiro, para nem sequer terem ideias, não fossem eles descobrir que há outras coisas, algum lugar melhor, fora da sala de convívio. Eles recebem a sua dose diária de lixo televisivo e nós podemos, entre os contentores do lixo, observar um bocadinho de céu. Quem lá trabalha a tempo inteiro é quem manda entre as estantes dos doces e a máquina de devolução do vasilhame de vidro, e nós não vamos lá disputar-lhes o seu domínio, até porque queremos mais. Queremos mais do que eles têm.

Não há rituais de iniciação complicados. Se alguém quiser pertencer, tem de andar por ali, pelo pátio das traseiras. Essa é a primeira regra e não há muitas mais para além disso.

No último outono, Pavel arquitetou um telhado a partir dos plásticos que cobrem as paletes. Com algum planeamento, alguma habilidade e um agrafador. Agora nem mesmo a chuva será capaz de nos pôr na linha.

Não é o tempo todo que o grupo inteiro por ali se junta — seja sentados uns ao lado dos outros ou uns em cima dos outros. Isso só acontece em momentos especiais, nos feriados e ao fim do dia de trabalho. Todos estão presentes quando um de nós tem qualquer coisa para celebrar. Todos estão presentes, seja lá por simpatia, por amizade, ou porque há qualquer coisa à borla.

É o caso deste fim de tarde, em que Marie está a celebrar o facto de ter acabado o décimo ano do secundário. Toda a gente irá lá estar porque toda a gente gosta de Marie. Todos irão estar presentes. «Todos» quer dizer todos à exceção de Jo.

Chego atrasada, ainda tive de dar um salto à universidade. É já completamente sem fôlego que chego ao pátio traseiro. Ninguém levanta a cabeça, já que no pátio das traseiras sentir-se-lhe a falta não é coisa que se

aplique a todos. Can está de pé, diante do grelhador. Tem a mesma idade que eu. Também frequenta o pátio das traseiras, mas os aspetos que temos em comum ficam-se por aí. Quando ali se chega, Can é sempre o primeiro que se vê. Há pessoas assim. Chegam junto de outras e tudo nelas lança faíscas. É com gestos grandiosos que vai virando as salsichas e os legumes. As salsichas foi a Marie que as comprou no Penny, os legumes fomos nós que os pescámos ontem, do interior dos contentores. Marie está sentada atrás de Can, em cima das paletes de madeira. Traz vestida uma *T-shirt* branca e umas calças de fato de treino azuis. Ninguém consegue usar calças de fato de treino com elegância. Ninguém, a não ser a Marie. Está a conversar com Vika, sentada do seu lado direito. Também Vika tem umas calças de fato de treino vestidas, sem qualquer elegância, mas em compensação com umas faixas brancas. Na sua *T-shirt* está escrito, a letras douradas, «*Born to win*». Entre Vika e Marie está uma garrafa de vinho branco meio cheia, à espera. O lugar ao lado de Marie está vazio. Era aí que Jo sempre se sentava, por isso agora ninguém se senta aí. E, no entanto, não é que Jo esteja morto. Só longe. Nas duas cadeiras metálicas estão sentados Otto e Pavel, a mim já só me resta o chão, ou ficar de pé. Por breves instantes ainda hesito, de seguida sento-me à esquerda da Marie, em cima das paletes de madeira. Talvez ela ainda comece por estremecer ligeiramente, mas mais do que isso também não acontecerá.

Vika olha na minha direção e ergue ligeiramente as sobrancelhas.

— É assim mesmo, Cu de Pata — diz ela.

No pátio das traseiras não se escolhe o próprio nome. Cu de Pata. É assim que me chamam.

Marie limita-se a sorrir brevemente para mim e volta depois a escutar o que Vika diz. Se a bondade humana tem rosto, então que seja, por favor, como o de Marie. Um rosto que dispensa a maquilhagem, pois nada tem para esconder. E, no entanto, Marie não é de todo santa. Também ela me chama Cu de Pata, de vez em quando. Jesus não o teria feito. Jesus deixou-se beijar por Judas, mas afinal de contas o ser humano não quer acabar pregado numa cruz. O ser humano não tem de ser santo, basta que seja como Marie. Se assim fosse, talvez o mundo ainda tivesse salvação.

— Porque é que se há de ter sempre de fazer qualquer coisa só porque os outros o fazem?

Vika franze os lábios pintados de vermelho e faz beicinho.

— Porque não fazer nada também não é uma solução — respondo, já que me basta uma só frase para que os queixumes dela comecem a enervar-me.

— Agora a sério...

— Mas tu fazes bastante — interrompe Marie —, tens a Fine. E, quanto a isso, é preciso ganhar-lhe o jeito, há gente com mais dez anos que tu que nunca o consegue. Ou até mesmo vinte. Essas mães mais velhas têm o dobro da tua idade e ainda assim não lhe ganham o jeito.

Vika também não consegue ganhar o jeito em relação a Fine. A maior parte do tempo, Fine está com a mãe de Vika. Na verdade, está sempre. Em geral, não se pode dizer que muita coisa dê certo na vida de Vika. Um estágio a seguir ao outro. Cabeleireira, vendedora no comércio retalhista, operadora de restauração, educadora de infância, já passou por umas quantas... Também nisso.

Vika não sabe o que quer. Só em relação a Otto. Esse ela queria, mas ele é que, às tantas, deixou de querer.

Apesar de Fine.

— E quanto a estas banhas aqui, também já não me vejo livre delas... — continua Vika a lamuriar-se, enquanto se agarra de lado, acima da cintura. A seguir, inclina-se para junto de Marie e sussurra-lhe: — É por isso que o Otto já não me liga. Sou demasiado gorda para ele.

— Não acredito nisso — sussurra então Marie. — Afinal, o Otto não é desses.

Olham ambas para Otto, que está sentado sob o telhado de plástico, junto de Pavel, o seu melhor amigo. Não está a chover, mas o nosso Pavel quer lá saber disso. O telhado de plástico é o grande orgulho de Pavel. O seu olhar desvia-se, por diversas vezes, para o alto, para as tiras de plástico, enquanto Otto insiste em não parar de falar.

— E foi então que ele disse que não há mais nada a dizer...

Com estas palavras, Otto dá por fim terminado o seu monólogo.

- Foi isso que ele disse?
- Sim. Depois disso já não dizes mais nada, não é?
- Pois não... Já não dizes mais nada.
- Se calhar mando-os à fava.
- Sim, de qualquer modo o nome... é uma bosta.
- A sério? O nome, ainda assim, é o melhor que temos.

Otto é baixista numa banda chamada Blümchenschlüpper. Ou seja, Cuecas às Florinhas. Trabalha no Penny, mas nunca ao fim de semana. É nesses dias que Otto e a sua banda andam em digressão.

Há décadas que a banda é conhecida na cena *punk* e todos os outros membros têm pelo menos o dobro da idade de Otto, algures para lá dos quarenta. Quando alguém lhe diz que a cultura *punk* não tem muito a ver com ele, Otto limita-se a cerrar brevemente as pálpebras e responde que aquilo que quer é fazer música.

— Estão à espera de quê? Que integre um grupo de folclore africano e vá tocar tambor para a zona pedestre da baixa?

Otto é indissociável dos seus ténis *All Stars* vermelhos, das calças com padrão em risca de giz e das camisas brancas. Quando surge em palco, entre os *punks* já idosos, mais parece um círculo no meio de quadrados e, no entanto, não deixa de ser ele que torna aquela imagem completa.

Como se tivesse pressentido que estávamos a observá-los, o nosso Pavel faz deslizar o olhar daquele seu querido telhado de plástico e dirige-o para nós. Sorri. É claro que sorri. Às vezes quase seria capaz de pregar-lhe uma bofetada. Em cheio na cara, por ter podido manter o seu nome. Apesar dos óculos, do cabelo gorduroso e da pele com borbulhas. Pavel tem dezoito anos, mas a sua pele continua convencida que ele ainda está a atravessar a puberdade. Se o nosso Pavel fosse uma rapariga, a vida dele seria um calvário. Só que, no tocante aos rapazes, de repente o que conta é a beleza interior e, nesse aspeto, Pavel é bonito que se farta.

— O nosso Pavel já só precisa de aprender a voar e então é que será um super-herói — disse Can depois de Pavel ter dado o telhado como pronto, enquanto lhe aplicava pancadinhas nos seus ombros estreitos.

Pavel corou de imediato e balbuciou:

— Antes disso... Ora, antes disso, ainda tenho de fazer o exame de acesso à escola profissional.

O nosso Pavel fica sempre pendurado a meio da frase. Mas Can tem razão: se há alguém que irá sair deste pátio das traseiras, desta cidade, desta vida, se há alguém que virá um dia a ser qualquer coisa em grande, esse alguém será o nosso Pavel. Só mesmo a própria mãe poderá ainda conduzi-lo à ruína, pois acalenta sem quaisquer rodeios a esperança de que Pavel possa um dia vir a ser o próximo Wendthoff.

— Vou construir-nos uma... Ali, junto ao muro. Uma torre de observação — anuncia ele. — Para lá do lago, junto àquelas casas novas, há ali muita madeira. Vamos buscá-la e depois isto vai... Acho que isto aqui vai ficar mesmo porreiro.

— E para que precisamos nós de uma torre de observação? — pergunta Marie, soltando uma gargalhada. — Para defender o pátio traseiro?

— Enfim, inimigos é coisa que existe a cada esquina — comenta Vika e, de seguida, dá um gole diretamente da garrafa de vinho branco.

— Para se ver mais longe. Afinal, há que conseguir ver mais longe... De vez em quando é preciso, não? — responde o nosso Pavel. Atrás das lentes dos óculos, os seus olhos ficam ainda maiores do que já são.

— Há quem tenha vistas largas, mas o nosso Pavel vê para lá disso, vê mais longe. É assim, a vida... Alguém quer uma salsichinha? — oferece Can, enquanto segura a dita salsicha no ar com uma pinça.

«O nosso Pavel». Também eu digo «o nosso Pavel». Pavel não teve de deixar o nome pendurado à entrada para o pátio das traseiras. Pôde mantê-lo e foi-lhe até acrescentada mais qualquer coisa. Para nós não há «de» nem «e» junto aos apelidos, o título com que nobilitamos é «nosso».

— Vou construir-vos uma torre de observação... que até se vos esfrangalham as orelhas — diz o nosso Pavel.

— Mas que quer isso dizer, as orelhas a esfrangalhar-se? — pergunta Otto, a olhar para o nosso Pavel com um ar de ceticismo.

— Que vão ficar espantados.

— Alguém quer uma salsichinha? — pergunta Can entretanto.

— Deixa-nos em paz com a tua salsichinha! — grita-lhe Otto, fazendo com que Can solte um suspiro e baixe a pinça que segurava no ar. — A expressão é «olhos esbugalhados», não é «orelhas esfrangalhadas». Olhos esbugalhados... — repete Otto, dirigindo-se novamente ao nosso Pavel.

— Mas é claro que isso... isso não faz qualquer sentido.

— Mas é essa a expressão.

— Porque haveriam os olhos de esbugalhar-se?

— Mas as orelhas podem esfrangalhar-se, é isso?

— Sim, rasgam-se de tanto se esticarem, tal é o espanto... Nesse caso esfrangalham-se, claro.

— Não, elas retesam-se, as orelhas retesam-se.

— Os músculos é que se retesam... As orelhas esfrangalham-se.

— Tudo bem, fica assim. — Otto desiste.

O nosso Pavel tira da sua mochila uma garrafa de refrigerante de laranja, mas entretanto vai murmurando:

— Olhos esbugalhados... Isso soa mesmo idiota.

Logo de seguida dá um gole da garrafa. O nosso Pavel adora refrigerante de laranja.

Subitamente a porta do armazém é aberta. O Wendthoff. Ou seja, o novo Wendthoff. Encostados à parede, junto à porta do armazém, estão Leroy e Marvin. Hoje ainda não deram pio. Em todo o caso, não desde que eu cheguei. Em vez disso, não param de digitar mensagens nos respetivos *smartphones*. Ainda não é há muito que Leroy trabalha no Penny, mas também não há de ficar por ali muito tempo. Marvin é o irmão do Leroy. Tem treze anos e é o mais novo de todos nós.

— Que estás a fazer aqui? — pergunta o novo Wendthoff a Leroy.

— Um intervalo? — responde Leroy, sem sequer levantar os olhos do ecrã do *smartphone*.

— Uma hora?

— S-sim?

— Quando é que começou o teu turno?

— Há mais ou menos uma hora?

— E... dás-te conta de alguma coisa?

Leroy fica a olhar para o novo Wendthoff sem qualquer expressão.

— *Hmm...* Devia dar-me, é?

Leroy não se vai aguentar ali muito tempo.

O novo Wendthoff limita-se a abanar ligeiramente a cabeça e mantém a porta do armazém aberta, para Leroy passar. Leroy arqueja e enfia por fim o *smartphone* no bolso das calças. Os dois desaparecem e a porta fecha-se, batendo com estrondo.

Também Marvin enfia o seu *smartphone* no bolso das calças e arrasta-se depois até ao pé de Can, junto ao grelhador.

— Deixa-me ser eu a fazer... — diz ele, tentando empurrar Can um pouco para o lado.

— Esquece lá isso, ó Checker.

Checker. Até o Marvin teve mais sorte do que eu.

— Mas fui eu que o gamei. Se não fosse eu nem sequer havia grelhador...

— E se não quiseses que te entregue, vais ficar de boca calada — ameaça Can, enquanto avança um passo na direção de Marvin.

Ao mesmo tempo levanta ligeiramente a pinça com a salsicha que segura na mão. Marvin cerra os punhos, mas vejo perfeitamente o trejeito nervoso que lhe anima o canto dos lábios. Também o canto dos lábios de Can se anima, mas não se trata de nervosismo. A sua boca forma então um sorriso largo e passa a mão no cabelo de Marvin, despenteando-o.

— É só gozo, vá, toma lá a pinça, trata tu do grelhador.— De seguida agarra numa lata de cerveja e coloca-se atrás de Marvin. — Rapaz, ó rapaz... Vocês, jovens, nunca é preciso muito para vos tirar do sério...

— Can! — exclama Marie e este vira-se de imediato na direção dela. — Da próxima vez que quiseses fazer uma cena tipo Hollywood, por favor não uses a pinça das salsichas.

— Sim, não resulta muito bem, pois não? Mas até achei a expressão bastante convincente. A minha postura... Com o meu olhar de matador, a salsichinha na pinça. Foi, de certo modo, épico.

— Sim, até as orelhas... se nos esfrangalham! — exclama o nosso Pavel e toda a gente desata a rir.

— Can e a salsicha assassina! — acrescenta Vika e todos soltam uma gargalhada.

— A fúria do ajudante temporário armado com uma salsicha! — diz ainda Otto e todos se riem.

— Teve o ímpeto de um drama grego! — exclamo eu, mas entretanto já a risota dos outros esmoreceu.

— *Pff*, arrumava-te num instante... — murmura Marvin.

— Ora nem mais. — Can cruza os braços.

Não consigo ver o rosto dele, mas sei que os cantos da sua boca se animam de novo.

Marvin lança a pinça para o grelhador e saca uma navalha de ponta e mola do bolso das calças. Faz a lâmina saltar e volta a recolhê-la. Repete várias vezes o movimento, fixa teimosamente o olhar na navalha. Cerra o punho da sua mão livre. Nenhum de nós se espanta. Todos sabemos que ele traz consigo uma navalha no bolso. Há um par de meses houve um compincha do seu irmão que deu umas naifadas noutra tipo, lá em baixo, junto ao lago. Só porque sim. Durante alguns dias, toda a gente pensou que Jo fosse o tipo das navalhadas, houve grande agitação no pátio das traseiras, mas depois apanharam o tal compincha do Leroy, prenderam-no e tudo voltou a ficar pacífico.

Can solta um suspiro.

— Pronto, já todos vimos que tens uma navalha, que és um tipo bem duro, por isso podes voltar a guardá-la.

— Da próxima vez arrumo-te num instante — balbucia Marvin, voltando depois a guardar a navalha no bolso das calças.

— Ok, tomei nota. — Can coloca um braço em redor dos ombros de Marvin. — Mas agora vamos é tratar daquilo que é importante na vida.

Marvin nem sequer reage, mas também não evita o abraço de Can.

— Vá, digam lá, qual é a regra de ouro para grelhar salsichas? Negras ou nem por isso? — pergunta Can aos restantes.

Entretanto, apercebo-me que o punho cerrado de Marvin volta lentamente a distender-se.

— Negras é que não. Isso não é nada bom... Isto é, para a saúde — responde o nosso Pavel.

— Marie, vamos precisar de mais salsichinhas.

— Como assim?

— O nosso Pavel diz que salsichinhas negras não pode ser. Vá, Otto, diz lá tu também qualquer coisa.

— Porquê? Só porque as merdosas das tuas salsichas ficaram negras?

Na testa de Otto formam-se pregas de fúria, mas dali a alguns instantes já nem há sinal delas.

— Olá, Yasmin! — diz Otto, num tom voz meio rouco.

Junto à entrada do pátio das traseiras está uma rapariga. Tem a nossa idade, por volta dos dezoito anos, usa roupas negras e arranjou os cabelos castanho-escuros em duas tranças.

— Vem até cá — chama-a Otto para junto de si.

O nosso Pavel levanta-se da cadeira metálica em que está sentado. É claro que o nosso Pavel se levanta da cadeira metálica, para ela poder sentar-se ao pé de Otto.

— Esta é a Yasmin — anuncia Otto.

— Olá, Yasmin! — dizemos em coro, ao qual só Vika não se junta.

— É precisamente por causa de gajas destas que precisamos da torre de observação — segreda ela ao ouvido de Marie, que se limita a encolher os ombros.

— Ah, caso queiras saber, a Fine está com a minha mãe — rosna Vika.

O tronco está ligeiramente inclinado para a frente, mas as costas estão bem direitas. Tem as mãos apoiadas junto às pernas, os seus calcanhares tocam nas paletes de madeira que se encontram mais rente ao chão. Uma palavra em falso e logo Vika se lançará sobre Otto e aquela Yasmin, pronta a arrancar pedaços de carne ensanguentados do corpo desses dois. Disso não tenho quaisquer dúvidas.

— Sim, está com a tua mãe. Como sempre — constata Otto, com toda a calma.

A mão dele está assente na coxa de Yasmin e o seu polegar afaga suavemente o tecido negro das calças de ganga. Esse afago revela que Otto e Yasmin já dormiram juntos. E também Vika se apercebe disso.

— A Fine é nossa filha. Ou seja, minha e do Otto. Caso queiras saber.

Como um escarro que se lança para o rosto de alguém. É esse o efeito que a frase deverá ter junto de Yasmin. Vika está sempre a repetir o mesmo número circense. Mal uma rapariga de fora entra no pátio das traseiras e se senta ao lado de Otto. Contudo, nunca conseguiu que isso tivesse o efeito pretendido.

Yasmin esboça apenas um sorriso simpático.

— É claro que ela está a par — responde Otto.

Uma vez mais, o escarro falha o alvo. No fim, tudo o que resta é um fio de baba, inofensivo, que escorre da boca de Vika para a sua *T-shirt*, aterrando onde se lê «*Born to win*».

— A Fine é mesmo querida — diz o nosso Pavel para Vika, encostando-se também ele ao muro, ao pé dela.

Vika, porém, mais não faz que fitar Yasmin e Otto em silêncio. O ambiente no pátio das traseiras tornou-se invernal. Os demais permanecem imóveis, como se jogassem ao macaquinho do chinês. Ninguém se mexe, ficam todos à espera de voltar a ouvir «Um, dois, três...».

Para situações destas, pode-se sempre contar com Can. Mesmo no meio do mais gelado dos invernos, no mais sombrio dos dias, ele arranja sempre maneira de recomeçar a contagem e pôr o jogo em movimento:

— Alguém quer ainda uma salsichinha negra? Entretanto também há legumes esturricados...

— Diz-me lá, Can, consegues fazer alguma coisa em condições? — pergunta Marvin, de novo capaz de esboçar um sorriso.

— Ora nem mais... É precisamente isso que os meus pais não param de perguntar-me. Bem, mas seja como for, no próximo ano já faço o exame final do liceu, ao contrário de ti, ó pequenote.

— À segunda tentativa — acrescento, incapaz de me conter.

— Ah, Cu de Pata... — suspira Can, enquanto abana a cabeça de um lado para o outro. — Era tão previsível. Sempre a colocar o dedo na ferida.

Antes mesmo de eu poder reagir, a porta do armazém é aberta e Leroy irrompe pelo pátio das traseiras.

— Mas por que... Que estás tu de novo aqui a fazer? — pergunta o nosso Pavel, a olhar nervosamente para a porta do armazém.

— Um intervalo.

— Se o Wendthoff te apanha aqui...

— Quero que o Wendthoff se f...

Leroy olha por instantes para Otto, que está aos beijos com Yasmin.

A seguir dirige-se até junto do irmão e olha para o grelhador. Tanto faz que Leroy veja pessoas aos beijos, um grelhador meio torto ou até mesmo um acidente de trânsito em cadeia. Nada disso se traduz, seja de que modo for, na sua expressão facial. Os seus lábios formam sempre uma linha estreita, os cantos da boca desenham uma ligeira inflexão para baixo, tal e qual como acontece com as suas pálpebras superiores. Ainda só tem dezassete anos, mas por vezes tem-se a impressão que já viu de tudo.

— As salsichinhas estão uns completos chamiços — comenta ele.

— Foi o Can que estragou isso — acrescenta Marvin, com um sorriso desdenhoso.

— Quer parecer-me que isso tem a ver com o grelhador — devolve Can.

Leroy desaparece através da porta do armazém e, dali a breves instantes, reaparece com duas embalagens de salsichas.

No pátio das traseiras quase não há regras. Se uma pessoa quiser pertencer, tem de andar por ali, pelo pátio das traseiras. Essa é a primeira regra. E a segunda: nada de gamar no Penny Markt onde se trabalha. O Leroy está-se a marimbar para as regras. Não se vai aguentar ali muito tempo.

— Ah, tenho andado a pensar numa coisa: inscrever-me num curso de dança — anuncia Can, apoiando-se de seguida no encosto da cadeira metálica de Otto. — Enfim, para conhecer mulheres. Salsa, por exemplo. Ora digam lá, ó parceiras, as mulheres acham isso *sexy*, não é? Quando os homens conseguem mexer as ancas...

— Se dançares tão bem como grelhas, o melhor é nem te cansares... — responde-lhe Otto, enquanto dá um empurrão a Can, a ponto de este se desequilibrar.

— É isso mesmo! — exclama Vika, e solta uma gargalhada.

— Bem, escute lá, ó jovem senhora — diz Can para Vika, enquanto pega na mão dela e a obriga a levantar-se das paletes de madeira.

Pousa depois as mãos em redor da cintura de Vika e põem-se os dois a saltitar pelo pátio das traseiras. Ela guincha como se fosse uma rapariguinha e ocorre-me que só falta mesmo segurar na mão um balão vermelho para que aquela fosse uma imagem de pura felicidade. Vão saltitando os dois cada vez mais depressa, até por fim Vika bater com a mão direita nas costas de Can e gritar:

— Já não aguento mais.

Can larga-a e agarra de imediato na mão de Marie.

— Vou dançar com vocês todas até cair! — berra ele.

— Marie, cuidado com os dedos dos pés! — recomenda Vika, encostada às paletes de madeira, ainda ofegante.

Marie, no entanto, não precisa de ter cuidado. Ela tem Can na palma da mão, sabemos todos disso. Can preferiria cortar os seus próprios dedos dos pés a pisar os de Marie. A amizade entre Can e Marie é patética a esse ponto.

Ele puxa-a para bem junto de si e baloiça-a lentamente para cá e para lá. Os braços de Marie repousam no pescoço de Can.

— Tens aqui mulheres de sobra... — ouço Marie dizer.

— Vocês são-me demasiado cansativas — responde Can, ao mesmo tempo que reclina a cabeça para trás. — E quando por fim aqui aparece uma estranha, dali a dois segundos já está na marmelada com o Otto. Isso, para o meu ego, é puro veneno.

Continuam a baloiçar-se. Já nem consigo reconhecer quem dirige quem. Como se já só formassem um só.

— Então salsa.

— Ou talvez zumba — diz Can. — Eu e o Jo queríamos ir os dois aprender zumba.

«Erro!», penso eu, ao ver a expressão no rosto de Marie.

— Só assim, pelo gozo, não era por causa das mulheres. Só por gozo é que queríamos lá ir — apressa-se Can a dizer, só que as palavras não se apagam umas às outras.

Marie e Can já não se baloiçam para cá e para lá. Ficam parados, quietos, e desta vez Can não consegue recomeçar a contagem e pôr o jogo em movimento.

Abro a boca para dizer qualquer coisa, mas então o nosso Pavel faz um anúncio:

— Marie, ainda temos um presente para ti.

Com isto, ajuda Can a libertar-se daquela imobilidade. As mesmas palavras que o nosso Pavel pronunciou estavam na ponta da minha língua. Engulo-as de volta. Arranham-me um pouco na garganta.

— É isso mesmo — confirma Can, num tom agradecido, enquanto afasta as mãos da cintura de Marie.

Apressa-se até junto do muro e, de detrás das paletes de madeira, retira uma cadeira de praia, que abre e deposita diante de Marie. A cadeira está coberta de tecido branco e vermelho.

— É de nós todos. Não foi roubada, mas comprada. Adquirida de modo completamente legal — insiste Can, com exagerado desvelo, sentando-se de seguida nas paletes de madeira.

Fica sentado ao meu lado. Fica tão próximo de mim que quase o sinto como se houvesse um contacto.

— Podes passar o verão inteiro sentada nela! — exclama Vika com regozijo, enquanto bate palmas com as mãos.

Marie não bate palmas. Está simplesmente ali, tal como há pouco, junto de Can. Só os seus braços não estão já em redor do pescoço dele. Os braços dela pendem, tal qual pendem os braços que deixaram de ter onde apoiar-se.

— Vou procurá-lo — anuncia Marie. — Vou procurar o Jo.

Acenam todos com a cabeça, como se tivessem tão-só à espera que Marie pronunciasse aquela frase, como se tivesse sido apenas uma questão de tempo. Também eu aceno com a cabeça, embora nem sequer estivesse à espera

daquilo. Há seis meses que Jo desapareceu. Não foi raptado nem sequestrado, pisgou-se simplesmente. Se uma pessoa quiser pertencer, tem de andar por ali, pelo pátio das traseiras. É essa a primeira regra. Se Jo quiser voltar a pertencer ao nosso grupo, então terá ao menos de regressar. De livre vontade, sem missão de busca e salvamento e sem comité de boas-vindas, sem banda de sopros nem lenços encharcados de lágrimas. Não tive quaisquer saudades de Jo, um segundo que fosse. Mas sei que, aqui no pátio das traseiras, sou a única que sente isso. Claro que sei.

Otto e Yasmin param de curtir. Vão-se pôr junto de Leroy, de Marvin e do grelhador estragado. Can, Vika e eu continuamos sentados em cima das paletes de madeira, o nosso Pavel está encostado ao muro, junto a Vika. Formámos um círculo em redor da cadeira de praia e é Marie que mantém esse círculo reunido.

— Onde queres procurá-lo? — pergunta Vika, enquanto leva uma garrafa de espumante aos lábios. Há algum tempo que a garrafa de vinho branco ficou vazia.

— Tenho os postais dele com os carimbos do correio — responde Marie. — Algures ele há de estar. E, afinal de contas, tenho o tempo todo do verão para andar à procura.

— Voltaste a perguntar ao *freak* que vive lá na casa do Jo? Àquele que tem a mania que é revolucionário? — pergunta Can, que mantém a sua perna bem próximo da minha. — Talvez ele tenha ouvido alguma coisa...

— Não, quase de certeza que mo teria dito...

— E o pai de Jo?

— Esse também não sabe de nada.

— A minha mãe... Ela acabou de vender o carro — diz o nosso Pavel, interrompendo, como sempre, a frase a meio. A seguir ergue as mãos no ar, como quem pede desculpa.

— Ainda não tenho carta... — declara Marie.

— O Marvin podia roubar uma — propõe Can.

— Na boa, podia fazê-lo.

— E depois?

— Só precisávamos de um carro.

— Nós? — Marie ergue as sobrancelhas.

— Eu alinho nisso, claro. — Can deixa-se deslizar de cima das paletes de madeira e coloca o braço em redor dos ombros de Marie. — Que haveria eu de ter para fazer o verão inteiro sem ti?

Fitamos todos a cadeira de praia, tão alegremente decorada com tiras vermelhas e brancas, ali no meio de nós. Não consigo deixar de pensar, de repente, em todas as festas de aniversários infantis, no jogo das cadeiras. Só que desta vez é diferente. O primeiro a sentar-se nela é quem ficará de fora. Perde quem se sentar primeiro, perderá para sempre este verão.

— Eu tenho carta e tenho carro.

Olho em redor, para perceber quem foi que disse isso. É então que constato que fui eu própria.



Letra – Portal de Literatura Contemporânea de Expressão Alemã

Goethe-Institut Portugal

Campo dos Mártires da Pátria, 37

1169-016 Lisboa | Portugal

www.goethe.de/portugal/literatura

biblioteca.lisboa@goethe.de